



“OS FAZEDORES DE HISTÓRIA NO ESPAÇO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO: O SABER HISTÓRICO NAS NUANCES CINEMATOGRAFICAS PIBIDIANAS HISTÓRICAS/URCA/CE (2011- 2015)”.

1 Autor: Amannda Dativa de Melo Silva (Mestranda)
PPGH-UFCG

Universidade Federal de Campina grande-UFCG

Email: amannadativa@hotmail.com

2 Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora)
(UAHis/PPGH-UFCG)

Universidade Federal de Campina grande-UFCG

Email: reginacgn@gmail.com

1

RESUMO: Esta comunicação propõe novos lugares da produção de saberes históricos no ensino de História na contemporaneidade, a partir de um conjunto de novas linguagens conceitos, tecnologias e narrativas que advêm das metodologias midiáticas produzidas pelos discentes e docentes supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência– PIBID-HISTÓRIA-URCA-CE (2011-2015), ressaltando como esses produtos operam e atuam com as demandas oriundas do ensino de História na atualidade. Assim, procura-se propor a discussão de como o profissional da educação consegue “burlar” as dimensões da história ensinada, no viés formal das salas de aula com novas propostas educacionais, como a produção de filmes e fotografias em que propõe produzir o conhecimento histórico escolar além daquele produzido em âmbito acadêmico. Para, refletir tais questões utilizaremos a contribuição de Certeau (1994), com os conceitos de “tática e homem ordinário”, Mauad (2009) e Ulpiano Meneses (2003) subsidiando teoricamente o viés da utilização da imagem e cinema enquanto fontes históricas, dentre outros, os quais têm se mostrado valiosos suportes teórico/metodológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Cultura escolar; Produção do conhecimento histórico;



INTRODUÇÃO:

“O que fabrica o historiador quando se faz história? Para quem trabalha? O que produz?”

(CERTEAU, 2002, p.55)

O prelúdio deste debate se enseja com uma indagação proposta por Michel de Certeau. No entanto, mais do que um questionamento, o autor nos propõe uma afirmação relevante: o historiador tem a função de produzir e construir uma narrativa, e essa questão subsidia uma posição categórica que ruminaram a limitar o historiador enquanto um simples coletor de fontes. Mas, É possível produzir conhecimento histórico em sala de aula?

Refletir sobre o ensino de história nos leva a pensar qual lugar do ensino em nossos dias. Pensar na contribuição dos estudos históricos como uma disciplina formadora de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, nos remete a problematizar como o saber didático se modificou ao longo do tempo.

Para ser um bom educador na contemporaneidade é necessário refletir o lugar que ocupamos e perceber o público alvo no qual estamos nos preparando para formar. Ao voltar seu olhar para o campo do ensino, o docente deve se identificar enquanto pares, pois essa é uma decisão fundamental para compor um ambiente inovador no ensino.

Um dos grandes desafios do professor de história é desenvolver uma consciência histórica em seus alunos, pois requer refletir também que a teoria sem prática não adianta muito, o bom profissional da educação deve ir além dos conteúdos, é necessário ensinar aos alunos a problematizar a vida, o mundo com caráter crítico, para que os discentes se reconheçam enquanto sujeitos históricos e não pensem que a história se resume apenas no que é exposto no livro didático.

O século XX carrega tatuado consigo diversas reflexões teórico-metodológicas para a escrita da História além das produzidas por Michel de Certeau (2002), promovendo uma efervescência na elaboração dos fatos históricos, com novas abordagens, novos problemas, novas metodologias assim como nos propõe Escola dos Annales e a Nova História Cultural. Em que “O historiador atual é o recriador de um passado sempre vivo em diálogo com o presente” (MENESES, 2007, p. 188).

Este ensaio não busca identificar os estudantes da educação básica como “mini historiadores”, tampouco que se despreze o



conhecimento já elaborado pela historiografia, pois, a História é uma ciência com suas metodologias sempre em transformação. Falamos da necessidade dos discentes interiorizarem alguns princípios básicos e que os mesmos compreendam a sua História e seu tempo como um espaço vivo, em que os mesmos devem desempenhar e atuar enquanto sujeitos críticos e reflexivos mediante os desdobramentos, continuidades e rupturas da sociedade em que estão inseridos.

Entendemos que existem distinções acerca das finalidades do ofício do historiador e do professor de história, contudo, propomos pensar aqui nos discentes e docentes como sujeitos produtores do conhecimento histórico, pois, “Aprender a historiar ou aprender o ofício dos historiadores não significa almejar que o estudante se torne um pequeno historiador”. (CAIME, 2008,143).

Uma questão recorrente em nossos dias a ser refletida é: “o conhecimento histórico elaborado por não historiadores de ofício” (MENESES, 2007, 191). É nesta direção que propomos investigar a formação do pensamento histórico de crianças e adolescentes, observando que a investigação pode fomentar o interesse dos jovens na disciplina de história, e que essa ação “tornar-se o processo pelo qual ele adquire os princípios que regem a produção deste conhecimento” (SCHMIT, 2003, 225)

Mediante a essas transformações historiográficas, os debates referentes às práticas educativas fomentam uma relevante problemática na investigação histórica recente, sobretudo, quando nos coloca a compreender o processo de estruturação dos grupos humanos no decorrer do tempo, caracterizando assim novos olhares que culminam discussões no âmbito da História Cultural.

Vale salientar que, nem todos os acontecimentos humanos devem ser entendidos enquanto históricos, é imprescindível selecionar os fatos para que se possa elaborar “uma memória histórica de uma sociedade” (MENESES, 2007, p.188), pois é fundamental assumir “o esforço seletivo sem o qual o relato torna-se um caos de impressões”. (MITRE, 2003, p.19).

A História é entendida enquanto prática humana a ser constantemente repensada, considerando que a mesma pode ser efetivada em diversos âmbitos do cotidiano, tais como escola, família, meio social, Universidade, mídias, dentre outros. O autor François Hartog em sua obra “O espelho de Heródoto: ensaio sobre a



representação do outro, 1999”, propõe que a “evidência histórica” constitui o que os historiadores observam na historiografia tradicional do Ocidente, para ele, é após Heródoto que a ideia de evidência histórica se torna algo de percepção. Narrar um acontecimento, observa-lo enquanto um espelho são questões que passariam a ser desencadeadas pelo ofício do historiador. “O deslocamento do sentido da evidência histórica do olho para o pensamento, da visão observaram mais longe e profundamente.” (MAUAD, 2016, p.2).

A abrangência em tratar certos assuntos da sociedade no campo histórico só foi possível a partir de estudos franceses característicos da Escola dos Annales entre os séculos XIX e XX, que vem com uma nova perspectiva historiográfica, propondo uma ampliação nos estudos históricos e nas fontes, buscando ainda uma nova percepção além da história tradicional no qual era feita apenas por escolhas políticas e que valorizava apenas os vencedores, ou seja, uma minoria elitizada. Nesse sentido, como nos alerta a autora Rosa de Fátima de Souza:

Os estudos das instituições educativas produzidos na última década dando ênfase a cultura escolar voltaram-se para análise dos aspectos internos da escola, o espaço e a arquitetura, o currículo e as práticas escolares tornando visível a constituição material da escola. Essa sensibilidade acentuada em relação aos vestígios da cultura material escolar configurou-se, sobretudo, na história dos grupos escolares. (SOUZA, 2007, p.171)

A cultura material escolar despontou diversas possibilidades de estudos através do advento da “Nova história cultural” e pela constante inquietação de alguns historiadores preocupados em conservar e perpassar a memória educacional de várias sociedades e temporalidades, objeto de investigação da história cultural das práticas educativas.

Na contemporaneidade, percebemos um intenso processo de relativização do sujeito mediante aos meios de comunicação no âmbito geral, às canções, o campo literário, filmes, chegam facilmente ao universo dos discentes, nesse sentido, é papel do professor perceber direcionamentos que essas novas possibilidades podem oferecer para refletir temáticas de maneira dinâmica e prazerosa, não restringindo o aprendizado apenas ao livro didático como única fonte no processo educacional.

A partir das questões acima mencionadas buscaremos pensar umas das políticas públicas que nos propõe refletir um diálogo entre Universidade e Ensino de História na academia, qual seja o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á docência –PIBID, desenvolvido pelo curso de História da Universidade

Regional do Cariri-URCA, na cidade de Crato ao sul do Ceará entre os anos de 2011 e 2015.

O PIBID tem caráter institucional, buscando abranger diversas características acerca das dimensões da docência foi implantado em 2007, pela “Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007”, (BRASIL, 2007), e alterado pela “Portaria Normativa nº 122, de 16 de setembro de 2009”, (BRASIL, 2009). O programa oferece bolsas para que alunos dos cursos de licenciatura, professores supervisores e coordenadores exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas da educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre Universidades e escolas públicas. O apoio financeiro e avaliativo para a execução do projeto é realizado Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior -CAPES¹.

O PIBID chega a URCA² para ser desenvolvido no curso de História no ano de 2011, propondo “pensar o ensino a partir de uma variedade de saberes e práticas intercambiáveis e dinâmicas” (projeto PIBID/URCA, 2014,p.4), caracterizando assim uma nova proposta de trabalho no ensino de história para o referido curso de licenciatura. Este artigo consiste em uma das reflexões propostas pela dissertação de Mestrado em fase inicial intitulada: **“A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DO PIBID/HISTÓRIA/URCA/CE (2011-2015)”**, sendo aprovada no ano de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, vinculada a linha de pesquisa 3: História Cultural das Práticas Educativas.

METODOLOGIA

TECENDO A CHEGADA ATÉ AQUI: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.

“Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira”. (CERTEAU, 2013, 69).

¹ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Em 2007, passou também a atuar na formação de professores da educação básica ampliando o alcance de suas ações na formação de pessoal qualificado no Brasil e no exterior.

² A Urca hoje é sediada nos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Santana do Cariri. Atende a uma comunidade de aproximadamente 9.000(nove mil) estudantes de cerca de 91 municípios dos estados do Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba, distribuídos entre os cursos de graduação, programas especiais e pós-graduação lato sensu.



A pesquisa intitulada “**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DO PIBID/HISTÓRIA/URCA/CE (2011-2015)**” em fase inicial desenvolvida no **PPGH-UFCG** na linha de pesquisa 3 “História Cultural das Práticas educativas, busca refletir as produções didáticos pedagógicas Pibidianas do curso de História da URCA, quais sejam documentários e fotografias elaboradas pelos alunos e professores participantes do projeto, buscando identificar se essas fontes podem ser pensadas como produção do conhecimento histórico realizado em sala de aula.

A necessidade de se pesquisar tal temática surgiu mediante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á docência (PIBID) do curso de História da Universidade Regional do Cariri. O projeto conta com a colaboração de cinco instituições de ensino da educação básica das cidades de Juazeiro do Norte-CE e Crato-CE, localizadas ao sul do Ceará, 40 bolsistas licenciandos, 02 coordenadores de áreas e 05 professores supervisores. O recorte temporal aqui delimitado entre os anos de (2011-2015) justifica-se pelo início das atividades do PIBID na URCA em parceria com as Escolas básicas, bem como o desenvolvimento das ações pedagógicas propostas pelo programa que se ensejam em filmes e fotografias, priorizando o caráter interdisciplinar no Ensino de História.

Ao todo são 06 produções fílmicas realizadas nos anos de 2014 e 2015: “Cidadania na Fé” com 22 minutos de duração cujo objetivo foi discutir diferente matrizes religiosas colocando em foco a temática da cidadania e fé identificando as manifestações religiosas presentes no Bairro Vila Alta na cidade do Crato Ceará. “Vivo para lembrar: 50 anos do Golpe Militar no Cariri”, com 18 minutos de duração buscando perceber como o Golpe Militar de 1964 foi vivenciado pelos carirenses priorizando o caráter subjetivo e a memória dos depoentes. “Amália Xavier: 50 anos”, com 30 minutos de duração objetivando apresentar a memória escolar a partir do exercício da história oral e coleta de fontes, possibilitando para a comunidade escolar um produto refletindo sobre as novas problemáticas a respeito da educação e do passado histórico da instituição escolar juazeirense.

Ainda nesse corpus documental imagético temos a exposição fotográfica “Patrimônio e Memória: As narrativas urbanas do Crato nos últimos 50 anos”, com o tema do povoamento do Cariri e 250 anos da cidade do Crato-CE, objetivou identificar os lugares de memória existentes no espaço urbano cratense nos últimos 50 anos a partir de uma análise discursiva e imagética e relacionar as principais mudanças ocorridas no período ao espaço urbano atual, percebendo a atuação de alguns personagens no



processo de construção e transformação do espaço cratense, dentro do contexto da cidadania.

Já no ano de 2016, a linha de pesquisa pibidiana versou a temática “Cultura Juvenil, Novas tecnologias e ensino de História” em que foram produzidos alguns filmes abordando essa temática, “Arte Stencil-Grafite na escola Amália Xavier de Oliveira PARTE I”, “Arte Stencil-Grafite na escola Amália Xavier de Oliveira PARTE II”, partem do pressuposto de investigar a representação artística juvenil enfocando a resistência negra por meio do Grafit. Já o filme “O que é ser jovem ?” evidenciou o caráter da memória e as diversas representações juvenis na cidade do Crato-CE no decorrer do tempo a partir de relatos da história oral.

Nosso trabalho com essas fontes consiste em realizar uma reflexão pormenorizada sobre seus elementos constitutivos de sentido tais como: a produção dos roteiros, o processo de produção desses filmes, a organização e escolha dos seus depoentes, os cenários escolhidos, o motivo de debruçar-se sobre essas temáticas, como se deu a contextualização teórica do roteiro, as trilhas sonoras utilizadas e como utilizar esse acervo como recurso didático no ensino de história. Considerando que “A imagem é testemunha de uma história, de um acontecimento, de um experimento” (MAUAD, 2009, p.1).

Vale salientar que os alunos e professores que produziram esse material não são produtores cinematográficos e sim sujeitos que auxiliaram na escrita da História, considerando que o objeto de estudo “deve estabelecer uma relação dialética permanente entre documentos e problemática histórica, mas ao cabo é esta última que deve predominar”. (MENESES, 2003, 16).

Ainda nesse corpus documental, trabalharemos com fotografias produzidas pelos bolsistas e professores a partir do espaço das escolas. São intervenções fotográficas realizadas no ano de 2016, intitulada “Re-Pensando Olhares”, no qual buscaremos evidenciar a proposta dessa exposição e quais os saberes mobilizados para a execução da mesma, considerando que “a evidencia histórica e a imagem, são construídas por investimentos de sentidos”. (MAUAD, 2009, p.1).

E são esses sentidos que buscamos investigar e que levam realização da produção do conhecimento histórico no âmbito escolar, pois, “É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais” (MENESES, 2003, p.16). Para confrontar o material

acima mencionado além da sua análise de sentidos, utilizaremos a História Oral enquanto metodologia buscando evidenciando as vozes de alunos e professores e suas práticas cotidianas no processo de ensino e aprendizagem.

Consoante a esse acervo mencionado, (CERTEAU, 1994) nos propõe pensar em sua obra um cotidiano “abrangente”, todavia nossa análise parte do pressuposto de analisar um cotidiano delimitado, a instituição escolar da educação básica, a cultura escolar, a mobilização de saberes docentes no viés do consumo e consumidores, apropriação e reapropriação, buscando articular nesse processo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á docência-PIBID como um mediador da produção desse conhecimento histórico no espaço escolar observando alunos e professores como protagonistas e produtores deste conhecimento.

CONCLUSÕES

Ao longo desse trabalho buscamos refletir elementos da História Cultural destacando a abordagem das práticas educativas na conjuntura historiográfica contemporânea. A princípio, entendemos que as ações mobilizadas pelos professores e alunos membros do Programa Institucional de bolsas de Iniciação á docência-PIBID se configuram como “Táticas”, pois os mesmos “Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões” (CERTEAU, 1994, p.46). Vale ressaltar que o PIBID se insere no meio escolar como articulador do processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes com um caráter interdisciplinar, levando uma nova proposta de se trabalhar e produzir ferramentas pedagógicas, pois, “a tática depende do tempo, vigiando para captar no voo possibilidades de ganho.” (CERTEAU, 1994, 47), e essas possibilidades as quais nos alerta Certeau são as “maneiras de fazer” em que proporcionam “burlar” as estratégias escolares de uma história ensinada no âmbito formal das salas de aula.

É importante termos em mente que a escola compõe um espaço plural, formado por um conjunto de vivências, subjetividades, inerentes aos sujeitos que nela participam e “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mas vontade de interagir com ela” (PINSKY, 2003, p.28). E essa aproximação com a história possibilita ao aluno a construir consciência histórica, pois “Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro”. (RÜSEN, 2006, p.14).



As sensibilidades que compõe as identidades dos nossos atores do PIBID/URCA resultam em diversos produtos aptos a serem refletidos no campo historiográfico, considerando que,

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um redutor de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, aquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. (PESAVENTO, 2005, p.57).

Essa percepção do outro é um dos pilares que sustentam a presente pesquisa. Priorizaremos no decorrer da nossa investigação questões que compõe a identidade do grupo, os principais problemas enfrentados no decorrer da execução das produções didático-pedagógicas-pibidianas, a apropriação dos alunos da educação básica, como ocorreu o desenvolvimento de tais produtos e isso é possível mediante a um diálogo com os sujeitos envolvidos nesse processo.

Compreendemos que, “a história escolar vai, aos poucos, redesenhando suas concepções e proposições para a sala de aula”. (CAIME, 2008, p.140). Nesse sentido, buscaremos refletir novos lugares de produção do conhecimento histórico em sala de aula, considerando a contribuição do projeto PIBID/História /URCA, evidenciando as vozes de alunos e professores e suas praticas cotidianas no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Decreto N^o 7234, de 19 de julho de 2010. Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil- PNAES. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_Normativa_38PIBID.pdf Acesso em 24 agosto 2016.
- CAIMI, Flávia Eloísa. Aprendendo a ser professor de história. Passo Fundo. Ed Universidade de Passo Fundo, 2008.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ___A escrita da História/ tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.
- HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina



- de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HOBBSAWN, E.. A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991(trad. Marcos Santarrita). São Paulo: Cia das Letras,1995.
- MAUAD, Ana Maria. Olhos para ver e conhecer: Imagem, história e conhecimento. Disponível:
file:///C:/Users/Amanda%20Dativa/Downloads/olhos%20para%20ver%20e%20conhecer_pdf%20(3).pdf. Acesso em: 12 de março de 2016.
- MENESES, Sônia. Os historiadores e os “Fazedores de História”: Lugares e fazeres na produção memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática. IN: Revista OPSIS. v. 7, n. 9. Goiás, 2007. Disponível em:
file:///C:/Users/Amanda%20Dativa/Downloads/9337-35924-1-PB.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2016.
- MENESES, Ulpiano T.Bezerra de. Fontes visuais, Cultura visual, História visual balanço provisório, propostas cautelares. IN: Revista Brasileira de História, vol 23, nº 45, pp.11-36 São Paulo: Anpuh/Humanitas, 2003. Disponível em:
file:///C:/Users/Amanda%20Dativa/Downloads/Hist%C3%B3ria%20Visual%20Ulpiano%20RBH%202003%20(3).pdf. Acesso em: 13 de junho de 2016.
- NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p.235-289.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2º Ed.reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PINSKY, J. (ORG). O ensino de história e a criação do fato. 10 ed. São Paulo. Contexto. 2003.
- RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa, Ponta Grossa-PR, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. ____História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.
- SCHMIDT, Maria A.; GARCIA, Tania M. B. O trabalho histórico na sala de aula



História & Ensino, Londrina, v. 9, p. 219-238, out./2003.

SOUZA, Rosa de Fátima, et all. Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. Cortez, São Paulo, 2007.

FONTES E DOCUMENTOS.

Subprojeto História PIBID – 2014. Projeto Institucional PIBID URCA.

FILMES:

“Arte Stencil-Grafite na escola Amália Xavier de Oliveira PARTE I”. 11 min. Direção: Pedro Vitor, Maria Gorete, Kayran Freire, Thiago Gadelha, Victor Hugo. Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ls3WMBUQKmc>

“Arte Stencil-Grafite na escola Amália Xavier de Oliveira PARTE II”. 15 min. Direção: Pedro Vitor, Maria Gorete, Kayran Freire, Thiago Gadelha, Victor Hugo, Ediane Nobre. Brasil, 2015. Disponível acervo PIBID/História/Urca. Crato-Ceará.

CIDADANIA NA FÉ”. 25 min. Direção: Aleska Alves, Anela Fyama, Ana Caroline, Marcos Torres, Maria do Carmo, Raquel Pereira, Samuel David, Geanne Mathias. Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I6Si0vgOwEg>

“Documentário 50 Anos: Escola Amália Xavier”. 30 min. Direção: Thiago do Santos, Temistocles Duarte, Maria Gorete, Rariane Justino, Lidiane Costa, Kayran Freire. Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wP7rklSula8>

“O que é ser jovem?”. 28 min. Direção: Amanda Alves, Vanusa Alexandre, Geane Mathias, João Rodrigues, Lucivânia Teixeira, Aleska Alves. Brasil, 2015. Disponível acervo PIBID/História/Urca. Universidade Regional do Cariri. Crato-Ceará.

“Patrimônio e Memória: As narrativas urbanas do Crato nos últimos 50 anos”. Exposição fotográfica. Disponível :acervo PIBID/História/Urca. Universidade Regional do Cariri.Crato-CE.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

Re-Pensando Olhares. Brasil, 2015. Exposição fotográfica. Disponível em: acervo PIBID/História/Urca. Universidade Regional do Cariri. Crato-Ceará.

“Vivo para lembrar: 50 anos do Golpe Militar no Cariri”. 18 min Direção: Amannda Alves, Kayron Rafael, Suzane Moraes, Edilânio Macário, Tiago Rodrigues, Marcio

Lúcio. Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N4IFKhvf4Os>